

---

ZIMRING, Carl A. *Cash for your trash: scrap recycling in America*. New Brunswick: Rutgers University Press, 2009. 221 p.

*Antonio de Pádua Bosi*

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Brasil*

*Cash for your trash* foi originalmente escrito como tese de doutorado na área de história na Carnegie Mellon University (EUA), em 2002. Embora seja um dos primeiros estudos especializados sobre a reciclagem de sucata nos Estados Unidos, seu alcance abriga fontes e reflexões que possibilitam rastrear algumas mudanças nas práticas sociais, desde o século XIX, relacionadas ao desperdício e à reutilização de todo tipo de materiais descartados. Este último aspecto é sua característica mais relevante.

Inicialmente, Zimring propõe um difícil problema: qual é o significado da reciclagem? Por meio de uma rudimentar escala histórica o autor afirma que essa atividade é bastante antiga, e encontra registros desde os séculos VIII e VII a.C., quando Isaías e Miqueias profetizaram que Deus converteria os povos de tal modo que “das suas espadas forjariam relhas de arados, e das suas lanças, foices” (p. 13, tradução minha). Sua evidência seguinte aponta para a Europa medieval do século XII e para técnicas de produção de papel a partir de restos de pano. Desse ponto ele se aproxima rapidamente dos séculos XVIII e XIX, e identifica a presença de um incipiente mercado para a compra e venda de trapos e ferro-velho, cujos desdobramentos causaram forte impacto econômico e social no século XX, tornando-se um lucrativo e monopolizado empreendimento:

Lidar com o lixo tornou-se um grande negócio na década de 1990. Diversas cidades privatizaram seus sistemas de recolhimento e processamento de lixo, estabelecendo contratos com empresas gigantes que passaram a dar um destino para o desperdício da sociedade. Firms privadas estabeleceram contratos com cidades durante décadas, mas onde operavam dez ou vinte mil companhias tornou-se lugar para apenas quatro corporações nacionais que agora dominam esse mercado. (p. 155, tradução minha).

Para o autor, a sobrevivência humana a partir do lixo surgiu como uma alternativa para pessoas pobres e sem repertório para alugarem-se no mercado de trabalho. Apoiado no estudo de Stewart Perry (1998), sua caracterização acerca dessa atividade indicou um tipo de trabalho “sujo, perigoso e de baixo *status*”. Tratou-se, no início, de uma atividade restrita a imigrantes europeus pobres, principalmente italianos sem domínio da língua inglesa. A desconfiança contra tais imigrantes esteve aliada a uma percepção negativa sobre lidar com o lixo dos outros, produzindo uma sensibilidade generalizada de que essa atividade era suja e repulsiva – a razão fundamental da falta de prestígio que marcou trabalhadores que se ocuparam com esse trabalho. Mesmo quando a sucata tornou-se mercadoria encarada como um vantajoso negócio, o *status* daqueles que viviam desse comércio não mudou.

Zimring confirma que desde o século XIX diversos materiais foram recolhidos e negociados sistematicamente em muitas cidades. Borracha, panos velhos, garrafas, estanho, ferro, aço e até ossos (transformados em fertilizantes) constituíram a renda de muitos trabalhadores que, a serviço de negociantes (que atuavam como atacadistas dessas mercadorias), cruzavam grandes centros urbanos em carroças coletando ou comprando essas sobras. Contudo, sobre isso, suas reflexões e as fontes pesquisadas não ultrapassaram a contribuição de Susan Strasser (2000) acerca da realidade das pessoas que sobreviveram dessa atividade até a primeira metade do século XX.

A atenção de Zimring mostrou-se maior relativamente ao comércio de materiais descartados e à sensibilidade frente ao desperdício. Na segunda metade do século XIX, o crescimento das transações envolvendo sucata nos Estados Unidos (especialmente restos de ferro e aço) foi bastante visível. Se em 1884 registrou-se a importação de 733 mil toneladas de ferro e aço, em 1887 o volume importado saltou para quase dois milhões de toneladas. Tal crescimento foi facilitado pelo Estado, que taxou esse tipo de importação e arbitrou um sistema de classificação para estipular a qualidade do material negociado. Entretanto, o aumento do comércio de recicláveis não foi motivado por qualquer preocupação centrada no desperdício ou na higiene.

Para Zimring, a preocupação com a preservação do meio ambiente no início do século XX esteve associada à estratégia de negócios da National Association of Waste Material Dealers (NAWMD). A utilização do sentimento preservacionista para legitimar o negócio de materiais recicláveis tornou-se uma prática publicitária recorrente e um poderoso argumento político para

reconhecer e valorizar a função social dos empresários desse setor. Zimring identifica como esses empresários começaram a expressar sistematicamente essa visão desde 1913, ano da criação da NAWMD, quando o presidente da entidade tentou afirmar a função social de seus pares e associados dizendo que “os negociantes de resíduos são os verdadeiros preservacionistas. Eles têm conseguido retirar milhões de dólares do lixo.” (p. 73, tradução minha). Embora a referência ao sentimento preservacionista fosse clara por parte dos negociantes de sucata, o mesmo não acontecia com a população e com o Estado. Os programas públicos que estimularam a reciclagem só apareceram na década de 1940, voltados para fornecer metal e borracha à indústria num contexto de guerra. O principal *slogan* do governo repercutia os efeitos de Pearl Harbor, e não uma preocupação ambientalista: “Recolher sucata para explodir os japoneses!”

De qualquer modo, a disseminação da prática da reciclagem parece ter sido estimulada pelo Estado, e certamente fortaleceu os negociantes de sucata. Mas isso foi feito inicialmente sem recorrer a argumentos ambientalistas. A primeira grande intervenção estatal aconteceu devido ao esforço de guerra que envolveu a reutilização de materiais empregados na indústria bélica. Sobre isso, Zimring identificou o surgimento de sistemática propaganda governamental que buscava mobilizar a população para recolher itens como metais e borracha. Contudo, foi um esforço nitidamente datado, pois o final da Segunda Guerra encerrou também a cruzada moral da reciclagem. O Estado só voltaria a promover a reciclagem uma década depois, pressionado pelo resultado de um consumismo sem antecedentes nos Estados Unidos. O rápido descarte de mercadorias envelhecidas “precocemente” era um fenômeno social novo que surpreendia. Apenas no ano de 1951 aproximadamente 25 mil automóveis rejeitados estavam espalhados em diversos “cemitérios” pelo país. Esse número cresceria para oito milhões na década de 1960. Tal quadro parece ter justificado um novo esforço dirigido para o recolhimento e reaproveitamento dessa sucata, apelando para uma visão higienista centrada na limpeza e estetização de margens de estradas e terrenos urbanos que assustavam pela quantidade de entulhos, principalmente as carcaças de automóveis.

Zimring aponta que seguidos governos investiram nesse sentido ao longo das décadas de 1960 e 1970, desenvolvendo um aparato institucional que buscou regulamentar as áreas para o depósito de sucata sem, contudo, garantir ou facilitar meios para a reutilização desse material. As inovações tecnológicas

que possibilitavam a separação e transformação do ferro, aço, borracha e plástico, por exemplo, apresentaram outros ritmos, e o seu emprego dependia de mostrar-se mais barato que a produção de tais itens *in natura*.

O livro se torna mais interessante à medida que se aproxima do tempo presente e passa a abordar a articulação entre reciclagem e ambientalismo (dando e explicando o surgimento dessas duas éticas), mostrando de que modo isso favoreceu a constituição de uma poderosa indústria da reciclagem. Mas é também a parte mais curta e menos explorada do livro, permanecendo como um desafio para futuros estudos. Sua visão sobre a generalização da percepção de “reciclar é ecologicamente correto” é pouco precisa. Por um lado, tal inexatidão deve-se ao fato de que essa é uma questão recente com desdobramentos ainda inacabados. Por outro lado, a sondagem do autor acerca desse problema é pouco profunda porque, em grande medida, maneja um volume tímido de fontes primárias e secundárias. Mas não se deve considerar isto como um defeito do livro, pois, como observei, o capítulo final sugere importantes desafios para a pesquisa histórica e, também por esse motivo, merece ser lido.

## Referências

PERRY, S. E. *Collecting garbage: dirty work, clean jobs, proud people*. New Brunswick: Transaction Publishers, 1998.

STRASSER, S. *Waste and want: a social history of trash*. New York: Metropolitan Books, 2000.